

A Trajetória de Nísia Floresta em defesa da educação feminina nos oitocentos

The trajectory of Nísia Floresta in defense of feminine education in the eight hundreds

Luma Pinheiro Dias

Graduada e mestre em História pela Universidade Federal do Piauí.

Resumo: Pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto (1810-1885), Nísia Floresta Brasileira Augusta nasceu no Rio Grande do Norte, viajou e morou em diferentes províncias do Império e também no exterior. Com mais de quinze títulos publicados no Brasil e Europa, a brasileira teve contato com diversos nomes do período, tal como Augusto Comte, com quem manteve uma amizade fraterna, marcada pela troca de correspondências entre 1856 e 1857. Nísia Floresta fez uso da escrita para reivindicar uma reforma na educação feminina e promover a valorização social da mulher. Assim, este artigo objetiva fazer conhecer a trajetória intelectual de Nísia Floresta em defesa da educação feminina. Para isso, recorre-se aos seus principais biógrafos, obras de sua autoria, bem como autores que colaborem para a compreensão do contexto histórico de sua escrita. Roger Chartier e Michel De Certeau contribuem para compreensão das representações sociais elaboradas pela escritora e o lugar social ocupado por ela, respectivamente.

Palavras-chave: Nísia Floresta. Educação feminina. Escrita feminina.

Abstract: A nickname of Dionísia Gonçalves Pinto (1810-1885), Nísia Floresta Brasileira Augusta was born in Rio Grande do Norte, traveled and lived in different provinces of the Empire and also abroad. With more than fifteen titles published in Brazil and Europe, the Brazilian had contact with several names of the period, such as Augusto Comte, with whom she maintained a fraternal friendship, marked by the exchange of correspondences between 1856 and 1857. Nísia Floresta made use of writing for to demand a reform in women's education and to promote the social value of women. Thus, this article aims to make known the intellectual trajectory of Nísia Floresta in defense of feminine education. For this, it is used to its main biographers, works of its authorship, as well as authors who collaborate to the understanding of the historical context of its writing.

Keywords: Nísia Floresta. Female education. Female writing.

Introdução

Nascida nos primeiros anos do século XIX em Papari, Rio Grande do Norte, Nísia Floresta utilizou a escrita como principal veículo de suas ideias em defesa da educação feminina. Ousando questionar o lugar que era reservado às mulheres nos oitocentos, a brasileira foi escritora no século que delegava à mulher apenas o domínio do espaço privado. Viajou e morou em diversas províncias, tais como Pernambuco, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, e também viajou e morou em países europeus, como Portugal, Itália, França e Alemanha. Faleceu em Rouen, na França, em 1885.

Por meio de sua produção questionou os padrões da época, que não reconheciam o desenvolvimento intelectual feminino. Além disso, Nísia Floresta fundou o Colégio Augusto¹ em 1838 no Rio de Janeiro, dedicado exclusivamente para educar meninas. As disciplinas ministradas fugiam daquelas comumente presentes em outros estabelecimentos de ensino. (CÂMARA, 1941: 54-55)

A escrita constituiu verdadeiro desafio às mulheres nos oitocentos. Privadas de uma educação adequada que lhes permitisse o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais, eram reféns de uma ignorância proposital. Ao se apropriarem da escrita, as mulheres desafiam barreiras, confundem as frágeis fronteiras imaginárias entre os sexos.

A maior parte da produção escrita de Nísia Floresta reflete a respeito do lugar ocupado pela mulher na sociedade no século XIX, denuncia os atrasos na educação destinada às meninas e propõe a transformação da sociedade, sendo a mulher o principal instrumento de consolidação do progresso da humanidade. Dessa maneira, a partir da análise de seus escritos é possível identificar um projeto construído durante sua trajetória intelectual que coloca a mulher como protagonista da história.

Apesar de sua importância para a história da luta por emancipação feminina no Brasil, Nísia Floresta é objeto de poucas pesquisas acadêmicas na área de história, algumas dessas estão presentes neste artigo. A escritora e educadora é citada como pioneira em defender o direito das mulheres à instrução e a valorização social da figura feminina. É também uma das poucas mulheres a colaborar com publicações em periódico na primeira metade do século XIX. Nesse sentido, esse artigo se propõe a analisar a trajetória intelectual de Nísia Floresta Brasileira Augusta com a

¹ A instituição de ensino foi fundada em 1838 por Nísia Floresta e permaneceu em funcionamento por 17 anos. Era exclusivamente voltada para a educação de meninas e foi um dos primeiros colégios a ser fundado por uma brasileira. Cf.: CÂMARA, Adauto. *História de Nísia Floresta*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1941.

finalidade de conhecer o projeto para reformar a educação feminina, formatado por ela através de sua atuação como escritora e educadora.

Rachel Soihet destaca a relação entre a valorização da participação feminina na história e a disseminação de teorias do feminismo e do movimento de mulheres, uma vez que as militantes desses movimentos tiveram participação relevante no trato de questões envolvendo mulheres na história e na sociedade. (SOIHET, 2001: 8)

Michele Perrot também contribui para a compreensão da multiplicidade de trabalhos historiográficos que colocam a mulher enquanto objeto de pesquisa, ressaltando que escrever uma história das mulheres está relacionado com a concepção de que mulheres “são agentes históricos e possuem uma historicidade relativa às ações cotidianas, uma historicidade das relações entre os sexos”. (PERROT, 1995: 9) Outra informação importante para a construção de histórias de mulheres é a especificidade das fontes; produzidas principalmente por homens, muitas mulheres foram silenciadas por não terem acesso à instrução.

O conjunto de obras escritas por Nísia Floresta é a principal fonte deste trabalho, que serão citadas no decorrer da leitura. Para conhecer a biografia da autora, é necessário recorrer a seus principais biógrafos, a saber: Constância Lima Duarte e Adauto da Câmara.

As obras de Nísia Floresta fornecem indícios de sua vida, uma vez que é repleta de discursos autobiográficos, onde se refere à sua família, a seu casamento, à sua atuação como diretora do Colégio Augusto e às suas viagens ao exterior. Os anúncios em jornais e notícias sobre suas atividades externas também são fundamentais para elucidar aspectos de sua vida pública.

Para a análise das fontes é considerado o lugar social e institucional ocupado por seus produtores. Assim, reconhecemos que todas elas foram produzidas partindo de condições possíveis, bem como com algum interesse particular. (CERTEAU, 1982: 56-104) Como exemplo, podemos destacar as críticas ferrenhas de Nísia Floresta às escolas públicas e particulares, especialmente aquelas dirigidas por estrangeiros. Nesse caso, é imprescindível considerar que a escritora é também proprietária de uma instituição de ensino na Corte e de modo algum emite opiniões desinteressadas a respeito dos concorrentes.

É nesse sentido que Roger Chartier oferece reflexões relevantes para a construção do presente trabalho. Compreendemos que os referidos discursos são representações do mundo social, pautadas em interesses particulares. (CHARTIER, 1990) Nísia Floresta escreve com objetivos aparentemente claros, para leitores específicos. Através de sua escrita ela, nos informa a respeito de uma representação possível da situação da mulher nos oitocentos, elaborando interlocuções com a realidade ob-

servada e construindo uma interpretação baseada em suas experiências e leituras.

Tratando de textos políticos ou administrativos, Chartier faz uma observação relevante para este estudo: “Todos eles supõem um destinatário, uma leitura, uma eficácia. Seria necessário relê-los sob esta perspectiva, detectando o modo como têm em conta as capacidades supostas de seus destinatários imaginados.” (CHARTIER, 1990: 223-224) Adaptando aos objetivos deste trabalho, é essencial considerar para quem Nísia Floresta escreve, além das razões que motivam sua escrita.

De Dionísia Gonçalves Pinto à Nísia Floresta: vida e obra

Dionísia Gonçalves Pinto² nasceu no dia 12 de outubro de 1810. Filha do advogado português Dionísio Gonçalves Pinto e da brasileira Antônia Clara Freire, Dionísia tinha três irmãos: Clara, Joaquim, e outra irmã, filha do casamento anterior de sua mãe, do qual ficou viúva. Sua família era detentora de grande quantidade de terras, e foi perseguida durante as revoltas antilusitanas que se iniciaram em 1817 no Nordeste,³ que resultou em constantes fugas do local.

Casou-se aos treze anos com Manuel Alexandre Seabra de Melo, descrito como homem rude, de pouca instrução e possuidor de terras, mas poucos meses depois voltou a residir com os pais. Não se tem notícia de documentos que comprovem a anulação do seu primeiro casamento. Constância Lima Duarte ressalta as perseguições do primeiro marido, inconformado com o fim do casamento e também a fama de adúltera que carregou. (DUARTE, 1995: 22) Norma Telles destaca que “por ter largado o marido, foi repudiada por toda sua família com exceção da mãe que, enquanto viveu, sempre lhe deu apoio”. (TELLES, 2004: 405)

Naquele período, o casamento sem o consentimento prévio dos nubentes era a norma. Como destaca Eni de Mesquita Samara, os pais escolhiam o marido de suas filhas sem necessariamente consultar a sua vontade. (SAMARA, 1989: 88-89) Já “aqueles realizados à revelia dos pais, em geral, resultavam em punições de diversos tipos e significavam, em muitos casos, a exclusão dos filhos na participação

² As informações quanto ao seu nome verídico e seu ano de nascimento são controversas. Dionísia Pinto Lisboa, Dionísia Freire Pinto, Dionísia Gonçalves Pinto Freyre, com nascimento em 1809, são comumente usados por alguns biógrafos. Cf.: DUARTE, 1995, p. 16.

³ Em princípios de 1817, vários levantes tiveram início na região de Recife, motivados pelos abusos da metrópole e conseqüente insatisfação popular, se alastrando por várias províncias do Norte, tendo como característica principal a propagação do sentimento antilusitano. Os populares atacavam propriedades de portugueses, e a família de Nísia Floresta era constantemente alvo de ameaças por parte dos nativistas. As revoltas foram logo repreendidas pelo governo português. Outra tentativa de separatismo ocorreu em 1824 e ficou conhecida como Confederação do Equador, conflito entre as forças reacionárias e as de tendência democrática e nacionalista. Cf.: DUARTE, 1995, p. 18.

do patrimônio da família”. (SAMARA, 1989: 89)

Sendo assim, é compreensível que o retorno de Dionísia tenha sido malvisto socialmente e, também, repreendido no interior de sua família. Além disso, o abandono ao marido diante de sua pouca idade evidencia a ousadia de Dionísia ao contrariar os padrões sociais vigentes.

No ano seguinte, em 1824, Dionísia partiu com a família para Pernambuco, onde residiram em Goiana, Olinda e Recife. Foi em Goiana que provavelmente Dionísia encontrou aquele que ela afirma ser seu grande amor, o estudante de direito Manoel Augusto de Faria Rocha.

Em 1828, após retornos e partidas decorrentes dos constantes levantes antilusitanos que levavam a depredações e agressões contra a família, Dionísio Gonçalves foi assassinado exercendo a profissão de advogado, ao defender interesses contrários aos dos poderosos dessa localidade. Adauto da Câmara, no livro *A história de Nísia Floresta*, traz a informação de que a rivalidade que culminou na morte de Dionísio era antiga, tendo início quando a família residiu em Goiana. Norma Telles afirma que, após o assassinato de seu pai, Dionísia assumiu o sustento da família, provavelmente como preceptora. (TELLES, 2004, 405)

A formação de Nísia Floresta é pouco conhecida. Câmara sugere que os seus primeiros estudos tenham se dado em Goiana, tendo em vista a ausência de estabelecimentos de ensino em Papari. Sugere também que o pai, Dionísio Pinto, tenha encaminhado a filha nos estudos rudimentares, pois era um homem culto. (CÂMARA, 1941: 45)

Outro apontamento do autor diz respeito a sua estada em Recife e em Olinda, onde provavelmente teria tido contato com a leitura de autores clássicos portugueses. Dionísia falava o idioma francês e conhecia o inglês. Aos 28 anos de idade, anunciou no jornal ser professora particular de latim, francês e italiano. (CÂMARA, 1941: 46)

Ainda em 1828, é certo que Dionísia tenha ido morar junto a Manoel Augusto, com quem formou uma família e a quem chamava carinhosamente de Augusto. Em 1830, nasceu a primeira filha do casal, Lívia Augusta de Faria Rocha, a sua principal companheira em viagens e tradutora de sua obra em diversos idiomas.

Manoel Augusto era aluno da Faculdade de Direito no Mosteiro de São Bento, em Olinda, tendo concluído em 1832. (CÂMARA, 1941: 31.) Inaugurada no dia 11 de agosto de 1827, teve papel fundamental na formação política da região. Tratava-se de atender à demanda por juristas e funcionários do Estado, além de ter sido responsável pela circulação de ideias e o combate ao radicalismo republicano, que vinha causando embates na região.

O ano de 1831 marca a estreia de Dionísia no mundo das letras, ao participar com artigos que tratavam da posição social feminina em diversas culturas em trinta números do jornal *Espelho das Brasileiras*, periódico do tipógrafo francês Adolphe Émile de Bois Garin, destinado às senhoras pernambucanas.

O ano de 1832 é marcante na história dessa personagem brasileira: é o ano da publicação de seu primeiro livro, *Direito das mulheres e injustiça dos homens*, e, também, foi neste ano que começou a utilizar o pseudônimo pelo qual ficou conhecida em seu país e no exterior, Nísia Floresta Brasileira Augusta. As informações quanto ao seu nome verídico e seu ano de nascimento são controversas. Dionísia Pinto Lisboa, Dionísia Freire Pinto, Dionísia Gonçalves Pinto Freyre, com nascimento em 1809, são comumente usados por alguns biógrafos. (DUARTE, 1995: 16)

Quanto ao pseudônimo escolhido, Gilberto Freyre sugere que Nísia se refere ao diminutivo de Dionísia; Floresta é referência ao local em que viveu; Brasileira revela o forte traço de seu nacionalismo; e Augusta é em homenagem ao seu segundo companheiro.⁴ Norma Telles tem outra interpretação a esse respeito: sugere que Nísia seja uma homenagem ao pai. (TELLES, 2004: 405)

Outros pseudônimos foram utilizados no decorrer de sua escrita, tal como Tellezilla, Telesila, B.A., Une Brésiliene, Quotidiana Fidedigna, mas nenhum deles tornou-se tão forte ao ponto de substituir sua identidade em documentos oficiais. Graziela Rinaldi da Rosa afirma que a utilização de pseudônimos teve início especialmente após o abandono ao primeiro marido, com o objetivo de se proteger dos comentários que se seguiram. (ROSA, 2012: 23-24)

Em *Direito das mulheres e injustiça dos homens*, Nísia Floresta iniciou sua carreira enquanto escritora e defensora da transformação da situação social feminina, projeto que foi reforçado durante sua vida, com as devidas reformulações. O livro foi atribuído pela brasileira a uma tradução livre de *Vindication of the rights of woman* de autoria da inglesa Mary Wollstonecraft, com publicação em 1792.⁵

O livro foi oferecido pela escritora às brasileiras e aos acadêmicos, direcionando a obra para aqueles que poderiam modificar a sociedade com sua leitura. De

⁴ Gilberto Freyre interpreta o significado do pseudônimo Nísia Floresta Brasileira Augusta, em sua obra *Sobrados e mucambos* de 1937, sendo comumente citado por outros biógrafos, tais como Constância Lima Duarte e Peggy Sharpe-Valadares.

⁵ A obra de Mary Wollstonecraft (1759-1797) foi dedicada a Charles M. Talleyrand-Périgord. Wollstonecraft estava insatisfeita com as colocações de Talleyrand-Périgord expressas em seu Relatório sobre o ensino público à Assembleia Nacional da França em 1791. A inglesa denunciou que a fonte dos problemas das mulheres era a negligência da educação oferecida a elas, que eram vistas como fracas e vãs. Assim, Wollstonecraft defendeu a capacidade intelectual feminina, ainda que reconhecesse a superioridade física masculina. Cf.: WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos das mulheres*: o primeiro grito feminista. São Paulo: EDIPRO, 2015.

acordo com Duarte, teve ainda mais duas reimpressões, uma em 1833 em Porto Alegre e outra em 1839, já no Rio de Janeiro. Nísia Floresta elenca argumentos masculinos que justificariam a inferioridade feminina para questionar a sua validade, ajusta o conteúdo da obra à realidade observada no seu país. A respeito da composição da obra, Duarte afirma que:

Nísia como que arma um jogo: mulher x homem (a partir mesmo do título: Direito das mulheres X Injustiça dos homens) e joga por nós. Lançando mão de verdadeiros passes de mágica, transforma cada ‘desvantagem’ em ‘vantagem’ para a mulher, e até a ‘delicadeza’ em ‘superioridade’. A mágica que utiliza tem nome: Retórica, que praticada com incomum habilidade, inverte e subverte tudo, desmontando aos poucos as argumentações e as acusações masculinas. (DUARTE, 1989: 118)

Ainda em 1832, Nísia Floresta passou a residir em Porto Alegre junto com sua mãe, irmãs, a filha e o companheiro Augusto. A respeito da partida repentina para o sul, Duarte afirma:

Esta mudança aparentemente repentina, de Olinda para Porto Alegre, deu motivos a muitas especulações por parte de alguns estudiosos de Nísia. Uns acreditam que ela foi obrigada a sair de Pernambuco devido às ameaças que havia recebido do primeiro marido, ainda não conformado com o abandono. Este – armado de razões jurídicas – estaria prestes a chegar à cidade e disposto a processá-la por abandono de lar e adultério. Outros já divulgam a versão de que Manoel Augusto foi para Porto Alegre atendendo o convite de um irmão que lá morava. Se foi este – ou aquele – o motivo da mudança, não há mais como saber; sabe-se apenas que, em Porto Alegre, nova vida a aguardava. (DUARTE, 1995: 25)

De fato, sua vida mudou de forma inesperada. Em janeiro do ano seguinte, nasceu Augusto Américo de Faria Rocha, outro filho do casal, e em agosto Manoel Augusto faleceu de uma constipação. Durante sua vida, Nísia Floresta chorou a perda do seu companheiro, lamentando em letras a saudade da partida precoce.

A partir de então, Nísia Floresta passa a se reconhecer e ser reconhecida como viúva, o que confere novos valores à sua posição social. Jaqueline Pandovani da Silva ressalta que “a ‘classe’ das viúvas, comparada à posição que as demais mulheres ocupavam, costumava assumir um *status* diferenciado, em termos de vantagens econômicas e sociais”. (SILVA, 2015: 116) Acrescenta que: “essa distinção que cabia à viúva conferia-lhe maiores oportunidades de administrar sua própria rotina, sem se prender com excessos à rigidez do esquema paternalista, cujo expoente mais comum se associava à figura do pai ou do marido”. (SILVA, 2015: 116)

Para Nísia Floresta, ser reconhecida como viúva lhe conferiu mais respeito

que ser identificada como mulher separada, com o agravante de ter tido filhos de uma união ilegítima. Assim, ela se tornou uma mulher digna de respeito e, também, a cabeça da família. (SILVA, 2015: 117)

Quanto a sua estadia em Porto Alegre, ainda há muitas lacunas. Poucos anos após a sua chegada, iniciou-se o movimento que ficou conhecido como a Revolução Farroupilha (1835-1845)⁶ que provavelmente motivou sua ida com a família para o Rio de Janeiro em 1837, onde foi possível constatar que fundou uma escola dedicada à educação de meninas. Foi em 1838 que a brasileira fundou o Colégio Augusto, nome escolhido em provável homenagem ao seu companheiro.

A instituição foi presidida diretamente por ela nos anos em que permaneceu no Brasil. Elogiada por uns e duramente criticada por outros, Nísia Floresta manteve o colégio em funcionamento durante 17 anos, o que pode significar que se tornou uma instituição bem conceituada na Corte.

Em 1842, é publicado pela Tipografia de J. E. S. Cabral, no Rio de Janeiro, *Conselhos à minha filha* que foi escrito como presente de aniversário de 12 anos de Lívia, sendo o texto de Nísia Floresta mais reeditado. Foi editada novamente no Brasil em 1845, na Itália em 1858 e na França em 1859. Em seu conteúdo, trazia recomendações para a filha, neste caso representando todas as jovens e mulheres, para que desenvolvesse as devidas virtudes e se afastasse dos possíveis desvios da vida. Adauto da Câmara ressalta que esse mesmo texto foi escolhido pelo bispo de Mondovi para ser usado em escolas, na França. (CÂMARA, 1941: 116) Três anos depois, foi publicada uma segunda edição acrescida de 40 pensamentos em versos, no Rio de Janeiro.

Nos *Conselhos*, Nísia também dirige sua fala às mães, com um discurso carregado de traços higienistas, buscando reforçar outros discursos da época para que a maternidade fosse devidamente valorizada. A respeito do sucesso da obra, Duarte afirma no livro *Nísia Floresta* que:

Tal sucesso pode ser atribuído ao fato de aí estar representado não só o paradigma ideal da adolescente e o incentivo à prática de deveres e virtudes que se esperava de uma menina, mas também o comportamento dedicado e amoroso que se esperava que uma mãe tivesse para com sua filha. (DUARTE, 2010: 42)

⁶ Revolta armada com forte apelo popular ocorrida no Rio Grande do Sul entre os anos de 1835 e 1845. Dentre as principais motivações para o conflito, é possível citar o descontentamento com os governantes, altos impostos, inclusive sobre o charque, principal produto econômico da região naquele momento, e a dificuldade ou inexistência de transportes terrestres, dentre outros. Cf.: HARTMANN, Ivan. *Aspetos da Guerra dos Farrapos*. Novo Hamburgo: Feevale, 2002.

Duarte destaca a resenha feita por Dídimo Nepote a respeito dos *Conselhos* para o jornal veneziano *L'Etá Presente* em 1958, que segue:

Ora, estes conselhos foram ditados por uma nobre alma, a uma jovencinha: e às jovencinhas dirigem-se. A elas resultarão mais caros porque não saem do círculo daquelas virtudes mais frequentes e menos rumorosas que são necessárias na reclusa vida de uma mulher e porque de toda página sopra um sentido de convicção na fé religiosa e na atividade moral que convence e consola. (NEPOTE apud DUARTE, 2010: 42)

A escrita de caráter moralista e reformadora é a grande característica de Nísia Floresta. Através das palavras, a escritora busca formatar um modelo específico de mulher. Assim, ainda que os *Conselhos* fossem dirigidos para a sua filha, o objetivo era atingir mulheres de diferentes idades.

Em 1847, Nísia Floresta publica três obras. A primeira, *Daciz ou a jovem completa*, é desconhecida dos biógrafos. De acordo com Duarte, foi oferecida às educandas do Colégio Augusto. (DUARTE, 1995: 35) A dauto da Câmara traz, a esse respeito, o seguinte:

Pensamos que o único exemplar que existe é o que pertence a Henrique Castriciano, e que ele teve a gentileza de nos ceder para uma rápida leitura. Nísia foi preceptora de Daciz (Amélia Miranda), de quem diz que era descendente de ilustres avós, que se notabilizaram na guerra do Sul contra o estrangeiro (Cisplatina). É a encarnação das virtudes de uma 'jovem perfeita'. Recusa casar com o marechal B. M. Casou com o seu eleito, teve três filhos, que Nísia julgou necessário dizer que eram amamentados pela própria mãe. É uma historieta ao gosto do tempo. (CÂMARA, 1941: 118-119)

A escritora, falando diretamente à juventude, ressalta os valores que considera relevante: o casamento como uma união desejada, fruto da escolha dos nubentes e a amamentação dos filhos feita exclusivamente pelas mães. Em obras seguintes, Nísia Floresta critica o hábito de delegar a terceiros a amamentação dos filhos, o que ela acredita ser a natureza de vícios morais.

Foi localizado o anúncio de venda da obra em alguns jornais em anos posteriores, tais como no *Jornal do Comércio* de 5 de abril de 1849 e no *Periódico dos Pobres* de 22 e 29 de maio de 1850, abaixo transcritos, respectivamente:

História moral, por uma Brasileira; acha-se à venda na Rua da Quitanda n. 70. (JORNAL DO COMÉRCIO, 1849)

História oferecida às educandas do Colégio Augusto, pela sua diretora, Nísia Floresta Brasileira Augusta; acha-se à venda na Rua do Ouvidor n. 158, a sair ao largo

de S. Francisco de Paula. (PERIÓDICO DOS POBRES, 1850)

Os anúncios evidenciam que a venda de exemplares durou anos após a publicação, mesmo quando a autora estava em sua viagem pela Europa, e que visava, em princípio, às alunas de seu colégio, sendo vendida em diferentes locais pelo Rio de Janeiro, demonstrando a circulação das ideias de Nísia Floresta e a aceitação deste tipo de formação através da leitura.

A segunda obra foi *Fany ou o modelo das donzelas*, publicada pelo Colégio Augusto. O espaço da obra é Porto Alegre, e o momento é a Revolução Farroupilha, ambos vivenciados pela autora na sua passagem pelo Rio Grande do Sul. A protagonista, Fany, aparece como adolescente, primogênita numa família de nove filhos. Seu pai se envolve na guerra, e sua mãe o acompanha, oferecendo-lhe apoio.

Fany, no entanto, se mantém passiva, reza pelos pais revolucionários e cuida dos irmãos e do lar. Quando a guerra tem fim, seu pai sai vitorioso, porém é assassinado pouco depois. Com uma atitude altruísta, Fany decide não casar, dedicando-se somente e integralmente aos irmãos e a mãe. (CÂMARA, 1941: 119-120)

Temos aí mais um exemplo da escrita moralista de Nísia, que não escreve sem a clara intenção de atingir consciências, de forjar um caráter feminino, diferente daquele observado por ela, pautado pela vaidade. Nísia apresenta outro *modelo* de mulher, capaz de sacrificar-se pelo bem da instituição familiar, mulher virtuosa, tranquila mesmo diante da guerra e da dor.

A terceira publicação, em 1847, foi *Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta*, publicada no Rio de Janeiro pela Tipografia Imparcial de Paula e Brito. O discurso foi proferido na conclusão do ano letivo e, apesar de curto, não abandona o caráter reformador da moral feminina, salientando as virtudes que as alunas deveriam desenvolver e praticar ainda que longe do colégio.

Em 1849, Nísia Floresta publicou a obra *A lágrima de um Caeté* pela Tipografia de L. A. F. de Meneses, sob o pseudônimo Telesilla. Inserida no contexto romântico indianista, é um poema de 712 versos, que tratam da condição do índio brasileiro. O livro teve ainda mais duas publicações, sucesso que para Constância Lima Duarte poderia ser explicado por tratar da Revolução Praieira,⁷ tendo sido escrito em meio aos acontecimentos.

Duarte destaca que o prefácio da tradução feita por Ettore Marcucci é diri-

⁷ Ocorrida entre os anos de 1848 e 1850 em Pernambuco, teve forte caráter federalista e liberal e se pôs contra Dom Pedro II. Defendiam a liberdade de imprensa, extinção do poder moderador, mudanças socioeconômicas. O governo português conseguiu reprimir o movimento efetivamente somente em 1851. Cf.: CARVALHO, Marcus J.M. de. Os nomes da Revolução: lideranças populares na Insurreição Praieira, Recife, 1848-1849. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, n. 45, p. 209-238, 2003.

gido a Augusto Américo, filho da brasileira e evidencia o prestígio da escritora no exterior:

A respeito do modo que eu encontrei para testemunhar-vos meu ânimo, e cativar o vosso, não poderia ter escolhido coisa melhor para vos apresentar do que minha traduçãozinha do português para uma das mais melodiosas línguas vivas, por vós predileta e muitíssimo bem dominada, mas que agradar-vos-á sobretudo porque obra brasileira, da própria mão daquela vossa mãe que tanto adorais, e entre suas composições aquela por vós mais prezada. Tornando italiano este poemeto, sorriu-me, ademais, a esperança de oferecer aos meus nacionais uma leitura saudável repasto para os livros magnânimos sentimentos que respondem bem àqueles professados hoje na Itália. (MARCUCCI apud DUARTE, 1997: 9)

Nessa obra, Nísia Floresta aborda o índio vencido como herói e revela a injustiça dos brancos e sua truculência com os povos nativos. Mais uma vez, desafia os padrões conservadores, enfrentando a censura em alguns versos e até mesmo na publicação da obra. Câmara mostra a esse respeito:

O gesto de Nísia, estampando seus versos candentes, em que glorifica os vencidos, e vitupera os agentes da legalidade, concitando ao assassinato do presidente Vieira Tosta, a quem chama de Nero, mostra bem como era corajosa a índole daquela mulher, capaz de ação política, indiferente às consequências que de sua atitude lhe pudessem advir. (CÂMARA, 1941:122)

A suspeita de que Nísia Floresta enfrentou a censura da época para publicar a respectiva obra parte da colocação feita pela escritora antes de dar início ao poema. Afirma:

O infeliz Caeté, apesar de ter chegado a esta corte no mês de fevereiro logo depois da revolta dos Rebeldes em Pernambuco, é somente agora que lhe permitiram aparecer, e isto depois de o terem feito passar por mil torturas inquisitoriais!... Graças à benfazeja mão, que o fez renascer, qual Fênix, das cinzas a que haviam ou queiram reduzir! (FLORESTA, 1997: 35)

Nísia Floresta denuncia que o atraso na publicação, uma vez que a obra estava pronta em fevereiro, mas só foi publicada em maio, ocorreu devido às “torturas inquisitoriais” pelas quais teve que passar, além da afirmação de que antes não lhe foi permitido aparecer, deixando evidente a censura e, conseqüentemente, a amplitude da obra ao ponto de causar preocupação nos possíveis censores. A esse respeito, Duarte afirma:

Quando lemos e percebemos a paixão com que o poema foi escrito, podemos ima-

ginar como devem ter incomodado as ideias aí contidas, das quais cito, por exemplo, as acusações que faz aos desmandos autoritários dos governantes. O passado histórico pernambucano é tomado como pretexto para tratar do momento presente, para criticar a dominação colonial no país e revelar o extermínio dos primeiros habitantes do Estado. Além de violentas críticas aos portugueses, identificados sempre com os opressores, o texto exalta os movimentos revolucionários que surgiram durante o Império, incitando a novas rebeliões, o que por si só já ‘justificaria’ a censura. (DUARTE, 1997: 11)

A lágrima de um Caeté é rica em traços que nos permitem compreender o momento histórico em que foi escrita, sendo uma obra relevante seja nos estudos sobre Revolução Praieira, seja no que se refere à figura do índio e sua condição na sociedade em questão.

A obra também evidencia o envolvimento da brasileira nos assuntos políticos do país, que ultrapassaram a preocupação com a educação. Ela demonstra conhecimento da história do Brasil, do conflito que se desenhava, das reivindicações dos revoltosos, ela não estava de maneira alguma alheia aos aspectos políticos daquela sociedade e mesmo residindo no Rio de Janeiro estava inteirada dos acontecimentos em Pernambuco, escrevendo paralelamente a eles.

Em novembro de 1849, a escritora viaja para a Europa com os filhos, com a justificativa de melhorar a saúde de sua filha Lívia, que havia sofrido um acidente recentemente. Essa viagem, que teve inicialmente a intenção de ser breve, durou até 1852, quando finalmente retornam ao Brasil. (CÂMARA, 1941: 101) Sua partida foi registrada no *Diário do Rio de Janeiro* do dia 30 de outubro de 1849: “Itália. – D. Nizia Floresta Brasileira Augusta, levando em sua companhia dois filhos menores, Brasileiros”. (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1849: 2)

June E. Hahner destaca que “o Brasil de meados do século XIX que Nísia Floresta abandonou era uma nação atrasada em muitos aspectos, com uma sociedade altamente estratificada e uma economia dependente do sistema de trabalho escravo”. (HAHNER, 1981: 30) Nesse espaço de tempo Nísia Floresta conheceu nomes importantes, manteve contato com intelectuais do cenário mundial e presenciou, em 1851, as conferências do Curso de História Geral da Humanidade, ministradas por Auguste Comte. (DUARTE, 2002: 18)

Em 1850, ainda residindo fora do país, surge uma nova publicação de Nísia Floresta, *Dedicação de uma amiga*. Considerado pela comunidade historiográfica como o primeiro romance escrito por um norte-rio-grandense, foi publicado originalmente pela Tipografia Fluminense de Lopes & Cia em quatro volumes que não foram localizados pelos biógrafos da autora.

O cenário encontrado quando retornou estava em constante modificação.

Hahner destaca o peso das transformações na segunda metade do século XIX na vida das mulheres de classe superior urbana, inclusive na vida de “mulheres menos excepcionais que Nísia Floresta”. Destaca:

Os avanços tecnológicos europeus eram exportados para o Brasil, assim como para muitos outros países. O advento da estrada de ferro, do barco a vapor, do telégrafo estimulou o rápido crescimento de muitos centros urbanos, tanto em área física quanto em população. [...] Rio de Janeiro e, em seguida, São Paulo serviram como centros de exportação de café e se beneficiaram financeira e politicamente do desenvolvimento da economia cafeeira. Sede do poder nacional e de longe a maior cidade do Brasil, o Rio de Janeiro manteve-se como líder intelectual, cultural e econômico do país. (HAHNER, 1981: 31)

Sua chegada ao Brasil foi celebrada pelo *Jornal das Senhoras*, em texto escrito por Joana Paula Manso de Noronha, o que denota o prestígio já alcançado pela educadora, em contraste com as críticas negativas que também circulavam em periódicos da época, bem como trouxe ao conhecimento parte da experiência vivenciada por Nísia Floresta na Europa:

Sentimos vivo prazer em anunciar às nossas assinantes a chegada da sra. Dona Nísia Augusta Floresta, brasileira, tão conhecida entre nós pela sua inteligência e ilustração; tão respeitada pelo seu longo magistério, há 16 anos empregado com desvelos na educação de suas patricias; e tão louvável digna de nossa admiração por sua dedicada e constância ao amor e à sabedoria e ao engrandecimento de sua pátria. A Sra. D. Nísia estava ausente de nós há dois anos e meio, viajando nesse intervalo à França e à Inglaterra, onde visitou os melhores colégios de instrução, os mais abalizados literatos, donde voltou a nossos braços, admirando os Herculanos, Garrets, Castilhos e outros varões respeitáveis na ciência. Está pois entre nós a Sra. D. Nísia, demos-lhes um abraço de viva amizade e gratidão, em nome do nosso sexo. (NORONHA, 1852: 63)

Um ano após o retorno para o Brasil, em 1853, Nísia Floresta publicou a obra que condensa o projeto educacional defendido em toda sua carreira; *Opúsculo humanitário*, no Rio de Janeiro, livro composto por 62 artigos, sendo 20 publicados no jornal *Diário do Rio de Janeiro* anonimamente no ano anterior.

O livro foi dedicado a Joaquim Pinto Brasil, irmão de Nísia. Nesse livro, a autora defende a educação feminina como elemento transformador da sociedade, regenerador dos valores morais e como instrumento do progresso da humanidade. A autora deixa evidente na escrita o crescimento intelectual proporcionado pela curta viagem empreendida para o continente europeu. Registra o acolhimento encontrado na França e a saudade que sentia do Brasil:

A França, essa fagueira região dos belos espíritos, onde todas as fisionomias sorriem ao estrangeiro e a afabilidade da mais acessível civilização o acolhe e o consola das saudades da pátria, esse viveiro moderno de grandes notabilidades, em todas as ciências e artes [...]. (FLORESTA, 1989b: 29)

Ao longo do livro, Nísia Floresta apresenta o lugar que as sociedades desde a antiguidade deram à educação de suas mulheres e relaciona esse fator com o grau de desenvolvimento das respectivas sociedades, chegando até a situação atual de seu próprio país. Para ela: “É uma verdade incontestável que a educação da mulher muita influência teve sempre sobre a moralidade dos povos e que o lugar que ela ocupa entre eles é o barômetro que indica os progressos de sua civilização”. (FLORESTA, 1989b: 12)

A autora reivindica instrução para as mulheres brasileiras, como podemos observar logo no primeiro parágrafo da obra: “Enquanto pelo velho e novo mundo vai ressoando o brado – emancipação da mulher –, nossa débil voz se levanta, na capital do império de Santa Cruz, clamando: educai as mulheres!”. (FLORESTA, 1989b: 2) A autora trata ainda temas como a escravidão e os danos causados à colonização portuguesa, a atuação de educadores estrangeiros, o índio, assuntos que ela vincula à educação feminina. A respeito dessa obra, Câmara destaca:

Eis uma das suas melhores obras, a da escritora social, planetária e polemista, que colocou sua pena a serviço da reabilitação moral e intelectual da mulher. Trata da educação doméstica, religiosa, física e intelectual. Defende, mais uma vez, a mulher indígena, que a pieguice dos românticos idealizava como encarnação da honra, intrepidez e lealdade. (CÂMARA, 1941: 124)

A educação é apresentada em seu *Opúsculo* como instrumento através do qual a mulher se apropriaria da função a que fora destinada: de promover o progresso da humanidade. A partir da educação, a mulher poderia desempenhar melhor os papéis que lhe cabiam: filha, mãe e esposa. Como filha, devia obediência aos pais, tal como *Fany*; como mãe, deveria servir de exemplo, despertar virtudes nos filhos e cuidar de sua educação de perto, evitando desvios de conduta; como esposa, seria sua função cuidar do lar, apoiar o marido, edificar sua família, despertar sentimentos virtuosos no seu companheiro.

O seu *Opúsculo* está repleto de discursos e filosofias da época, tais como o discurso higienista e o positivismo. A autora defende que as mães assumam a criação de seus filhos, que não os abandonem nas mãos de uma ama de leite, que amamentem nos primeiros meses os seus filhos. Outro discurso que Nísia assume é

culpar a escravidão pelos vícios da sociedade brasileira, não o negro. A autora estava sempre participante das novidades intelectuais, no Brasil ou na Europa.

As ideias defendidas por Nísia Floresta na respectiva obra estavam, também, em consonância com as discussões verificadas nos jornais contemporâneos, como é verificado no *Jornal das Senhoras* do dia 24 de outubro de 1852, onde Joana Paula Manso de Noronha, que outrora saudou o retorno de Nísia Floresta para o Brasil, e foi diretora do periódico, escreveu o artigo “Emancipação moral da mulher”, defendendo o direito à educação e ao trabalho e questionando as afirmações de que a emancipação feminina causaria desordem familiar. Ela conclui:

Dizei o que quiserdes, sempre repetirei que a Emancipação moral ou intelectual da Mulher no Brasil, não é uma utopia, nem paradoxo, e sim é uma verdade dominadora que marcha ao seu total desenvolvimento, envolta nas fitas, nos chapéus e nas cassas francesas que nos chegam todos os meses nos paquetes ingleses. (NORONHA, 1852: 130-132)

O jornal *O Liberal* publica, a partir do dia 7 de julho de 1853, os artigos que compõem o *Opúsculo*, finalizando em 21 de maio de 1854. A justificativa para a publicação, dada na apresentação inicial feita pelo jornal, nos proporciona conhecer, também, parte da repercussão positiva das ideias defendidas por Nísia Floresta:

Lemos em poucos números do *Diário do Rio* alguns artigos sobre a educação do belo sexo: agradou-nos não só o seu estilo como os pensamentos que encerravam, e desejando reproduzi-los, não o fizemos por já terem sido estampados em outra folha. Deixam, porém, de aparecer em suas colunas, privados nos vemos da sua leitura, sentíamos sua falta; e quando nos não restava esperança alguma de continuar a apreciá-los, eis que se nos proporciona uma ocasião de possuímos os próprios originais desse opúsculo, o qual principiamos publicar hoje [...] um escrito útil e de merecimento, tanto mais por sair da pena de uma das nossas patricias, que por sua ilustração faz honra ao nosso país. (O LIBERAL, 1853: 2)

No dia 30 de abril 1855, Nísia Floresta publica, no jornal *O Brasil Ilustrado*, o poema “Um improviso – na manhã do 1º corrente, ao distinto literato e grande poeta, Antonio Feliciano de Castilho”. Uma homenagem em forma de poesia oferecida ao português que passava pelo país:

Por sobre as vagas do janeiro undoso
Lá se vai deslizando o lenho altivo,
Que a seu bordo conduz o bardo exímio
O cantor português dos dias nossos
A quem mor gratidão deve o Brasil. (FLORESTA, 2009a: 15-16)

Outra publicação do mesmo ano é “Páginas de uma vida obscura”, crônica publicada entre março e junho e versa sobre a escravidão. Na primeira metade do século XIX, a presença do negro no cotidiano carioca era uma constante. Quando se tornou capital do Império, a população branca do Rio de Janeiro aumentou consideravelmente e, conseqüentemente, o uso da mão de obra escrava também. Os jornais da época estão repletos de anúncios de venda ou empréstimo de escravos.

Nísia Floresta se posicionou contrária à escravidão, especialmente em seu *Opúsculo*, pois acreditava que era um dos fatores que contribuíam para atraso na educação das mulheres. Na crônica “Páginas de uma vida obscura”, verificamos a oposição que a escritora oferece ao sistema escravista, apresentando o sofrimento do negro e a rebeldia enquanto consequência da crueldade dos senhores brancos.

Conta a história do escravo negro cristão chamado Domingos e o coloca como exemplo de virtude para todos os homens: “Homens de todas as classes, de todas as crenças que tendes coração, vinde conosco ajoelhar sobre a sepultura de um escravo para ouvir sua história! Vinde dela aprender virtudes que honram a humanidade”. (FLORESTA, 2009b: 45)

Domingos foi vendido como escravo aos dez anos de idade e mesmo privado de sua liberdade foi um cristão exemplar, sendo comparado pela autora a Jesus Cristo. Domingos tem durante a vida quatro senhores. O primeiro era gentil, mas morreu antes de lhe conferir a liberdade. O segundo, avarento que não reconhecia as qualidades do escravo que “se esforçava de dia em dia por acalmar-lhe a natural ferocidade, antepondo-lhe uma obediência cega e seus preceitos, dando-lhe constante provas de fidelidade e adesão”. (FLORESTA, 2009b: 53)

Com seu terceiro dono, permaneceu sendo o escravo virtuoso, cuidando do filho do seu senhor, até que ele decidiu retornar para a Europa e vender Domingos para quem ele escolhesse independente do valor que fosse oferecido. Em seu quarto senhor, encontrou “uma alma apreciadora de seu zelo, um coração benfazejo”. (FLORESTA, 2009b: 61) É nesse momento que Nísia Floresta evidencia como deveria ser o bom senhor:

Um bom senhor é a imagem de Deus sobre a terra, onde as leis permitem o triste tráfico de nossa espécie. Podendo castigar-nos quando faltamos ao cumprimento de nossos deveres, ele nos admoesta paternalmente; sendo-lhe permitido pôr-nos ao nível dos brutos, ele nos governa com brandura, e trata-nos quando doentes como seus próprios filhos. É pena que todos assim não sejam! Mas confessemos que são ordinariamente os mesmos escravos a causa do mau tratamento que recebem. (FLORESTA, 2009b: 61)

O texto está integrado ao que parece ser o projeto de toda sua produção: reformar a consciência dos leitores, nesse caso os senhores escravocratas. Juntamente com a história de Domingos, Nísia Floresta deu visibilidade ao sofrimento negro, certamente buscando empatia dos leitores. Na crônica, ela questiona a crença cristã dos senhores e inverte a lógica da repressão contra os negros: primeiro há a ação agressiva por parte dos senhores, assim, a rebeldia dos escravos nada mais seria do que a reação.

Em julho de 1855, é publicada outra crônica, “Passeio ao Aqueduto da Carioca”. A escritora é a acompanhante do estrangeiro que por ali passa, uma acompanhante crítica, pois evidencia a beleza e o atraso do espaço observado, resultante da colonização portuguesa, além da presença do sofrimento do escravo, integrada à paisagem. Sobre isso, ela escreve uma canção:

Feliz na minha cabana,
Sombreada de palmeiras,
Eu vivia em terras d'África
Minhas terras são fagueiras.

Lá deixei mulher e filhos,
Meu trabalho, o meu porvir;
A esses bens me arrancaram
Para um mau senhor seguir!

Desde então só estas vozes
Escuto de humanidade:
Trabalha, trabalha, negro;
O chicote, e a Eternidade!

Já curvado sob os anos
Oh! Meu Deus forças me dá!
Trabalha, trabalha, negro;
A morte te espera lá! (FLORESTA, 2009c: 39)

Nísia Floresta destaca as belezas do lugar e suas deficiências, permitindo ao leitor conhecer o espaço físico desenhado pelas suas palavras. Salienta a ausência de monumentos, o interesse da população pelos espetáculos de cantoras e bailes, tão comuns naquela época, o desinteresse do poder público em investir em obras higienistas, que não fazia esforços para “expurgar as nossas ruas dos tigres que as infestam”, referindo-se aos escravos que durante a noite carregavam tonéis das excreções das residências para o mar, em frente ao Largo do Paço.

Em março de 1856, Nísia Floresta publicou no jornal *O Brasil Ilustrado* O

pranto filial, onde lamenta a recente partida de sua mãe, no mês que outrora já havia sido marcado pela partida do pai e do esposo, como assim ela se refere a Augusto. Na crônica, a escritora fornece informações importantes sobre o pai, quando fala dos motivos de seu assassinato:

Haviam decorrido vinte e sete anos depois que a mão de um vil assassino assalaria- do pelo atroz despotismo de um Cavalcante caiu sobre a cabeça de um advogado reto e enérgico, cuja pena fizera triunfar a causa da inocência oprimida! (FLORESTA, 2009d: 87)

Outra informação importante prestada pela autora na referida crônica é a de que com seu trabalho sustentou a mãe após sua viuvez. Afirma:

Foi a ti que devi as primeiras felizes inspirações de utilizar por mim só a família, de bastar-me a mim mesma. A tua viuvez prematura abriu-me aquela mais importante página da vida que selei com minha solicitude e ternura filial, feliz no meio de meus próprios pesares, quando pude dizer no silêncio do meu coração: 'O resultado do meu trabalho é suficiente para satisfazer todas as suas precisões.' (FLORESTA, 2009d: 88-89)

Em 1856, Nísia Floresta retorna para Europa com a filha. Nesse ano inicia a troca de cartas com Augusto Comte e uma relação fraterna entre ambos pode ser verificada através delas. A preservação das cartas ficou a cargo de positivistas brasileiros e franceses. A troca de correspondências durou até o falecimento do filósofo em 1857.

Ainda em 1857, Nísia Floresta publica mais um livro, desta vez em Paris, *Itinéraire d'un voyage en Allemagne*.⁸ Em formato de cartas para o filho e os irmãos, a autora relata sua experiência da viagem que durou cinco semanas, passando por Bruxelas, Frankfurt, Stuttgart, Estrasburgo, dentre outras cidades. A autora registra os pormenores da viagem, como o café da manhã ou o cansaço durante o dia, e também a saudade dos parentes e de seu país de origem, resgatando eventos históricos dos lugares por onde passava, interessada em buscar ensinamentos de onde visitava.

No ano de 1859, Nísia Floresta publicou em Florença *Scintille d'un' anima brasiliana*,⁹ reunindo cinco ensaios; *Il Brasile; L'abisso sotto i fiori della civiltà; La donna; Viaggio magnético; Una passeggiata al giardino di Lussemburgo*. Os ensaios

⁸ FLORESTA, Nísia. *Itinéraire d'un voyage en Allemagne*. Paris: A. Chérié Editeur, 1857. Há também a edição brasileira (póstuma): FLORESTA, Nísia. *Itinerário de uma viagem à Alemanha*. Natal: Editora Universitária, 1982.

⁹ FLORESTA, Nísia. *Scintille d'un' anima brasiliana*. Firenze: Tipografia Barbera. Bianchi & C., 1859.

foram traduzidos para outros idiomas por Lívia.

E mais uma vez Nísia Floresta demonstra características que permearam toda a sua produção intelectual. Em “O Brasil”, texto que não foi, curiosamente, traduzido no Brasil, aborda as belezas de sua pátria, descrevendo a natureza, as lutas liberais que aqui ocorreram e critica a colonização portuguesa. Duarte afirma que a principal motivação para a escrita do texto foi a constatação da autora da ignorância estrangeira diante de sua pátria: “Esta experiência levou-a a produzir um texto que contivesse informações das riquezas, das potencialidades e da história nacional, com o claro objetivo de alterar o conceito que os europeus tinham de sua pátria”. (DUARTE, 1997: 29)

Em “A mulher”, critica fortemente a prática até então comum na França de as mães delegarem a criação de seus filhos à amas de leite. A autora traça o que na sua concepção seria o verdadeiro papel de filha, de mãe e de esposa, mantendo o tom moralista em conselhos que encontramos em outros textos seus.

Em 1864, a autora publicou o primeiro volume de *Trois ans en Italie, suivis d' un voyage en Grèce*. Nesse livro, a autora tece novamente críticas à escravidão, denuncia o preconceito racial e reforça a ideia de que os negros eram inferiores devido ao sistema de escravidão ao qual estavam submetidos e não por natureza própria. A autora se mostrou novamente participante de debates políticos de sua época, não somente no Brasil como na Europa, onde essa obra foi difundida. (DUARTE, 1995: 162-163)

A última obra de Nísia Floresta publicada em vida foi *Fragments d'un ouvrage inédit: notes biographiques*, em 1878, em Paris. O livro consiste em uma coletânea de memórias da autora, a maior parte relativa a seu irmão, Joaquim Pinto, falecido em 1875. É uma biografia, onde a autora depositou suas perdas, permitindo aos biógrafos conhecer um pouco mais da alma dessa escritora. A tradução brasileira veio em 2001, feita por Nathalie Bernardo da Câmara.

Em 1885, Nísia Floresta faleceu em Rouen, na França. Adauto da Câmara afirma que nessa época a figura da escritora já andava meio esquecida. Ainda assim, é possível encontrar notas sobre sua morte em jornais do período, tal como o *Mercantil*, *Diário Português* e *Gazeta da Tarde*. Este último trazia junto à notícia:

Autora de não pequeno número de trabalhos literários aqui publicados em diversas revistas como romances e poesias, D. Nísia Floresta retirou-se para a Europa já mais de 30 anos e aí escreveu, entre outras obras, ‘Trois ans em Italie’ e ‘Voyage em Allemagne’.

Em França como no Rio de Janeiro a emérita escritora gozou, pelo seu talento, da consideração de todos, e não poucas vezes frequentou os grandes salões das maiores celebridades do velho mundo nas letras, ciências e artes. Com Victor Hugo e

Lamartine conversou sobre a poesia; com Augusto Comte estudou o positivismo. Possuidora de um talento admirável sem que, talvez por sua longa ausência, enchesse a sua pátria com o ruído de seu nome, Nísia Floresta, já avançada em anos, expirou em Rouen, nos braços de uma sua filha.

Do seu espólio literário restam ainda muitos trabalhos inéditos, que seus filhos pretendem dar à publicidade. (GAZETA DA TARDE, 1885)

Ainda que o autor do artigo tivesse a intenção de valorizar sua vida e produção, oferece informações importantes. Aparentemente, mesmo vivendo tantos anos longe do seu país, Nísia Floresta permaneceu sendo reconhecida pelas publicações feitas no Brasil e também no exterior, evidenciando a existência de constante diálogo da brasileira com sua pátria, apesar de o artigo lamentar “a longa ausência” da escritora.

A notícia de sua participação em salões europeus contribui para entendermos as relações intelectuais que Nísia Floresta estabeleceu na Europa, onde esteve presente em cenários importantes para a produção de conhecimento científico e artístico, além do contato estabelecido com figuras notáveis da época, como os mencionados acima. A respeito dos salões europeus, Claude Dulong ressalta que foram cruciais para o fortalecimento e divulgação das produções femininas, permitindo que as palavras ditas pudessem se transformar em palavra escrita. (DULONG, 1991: 484)

Conclusão

A escrita de Nísia Floresta é, antes de tudo, essa transformação: a brasileira traduz em palavras a realidade observada e criticada por ela. Ela incorpora à sua escrita a sua experiência como educadora, como observadora dos costumes e do atraso a que estava condenada a mulher brasileira. Incorpora, ainda, as viagens feitas ao exterior, o contato com outra cultura, outra educação, outros educadores e filósofos. Sua produção, em parte autobiográfica, retrata sua experiência com a educação de meninas, as frustrações e as expectativas para o futuro. Permite, ainda, conhecer o cotidiano, os costumes e as relações entre os sexos no Brasil de oitocentos.

Referências

CÂMARA, Adauto. *História de Nísia Floresta*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1941.
CARVALHO, Marcus J.M. de. Os nomes da Revolução: lideranças populares na Insurreição Praieira, Recife, 1848-1849. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, n. 45, p. 209-238, 2003.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 56-104.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1990.

DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: vida e obra*. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995.

_____. A lágrima de um Caeté: uma nova página do indianismo brasileiro. In: FLORESTA, Nísia. *A lágrima de um Caeté*. Natal: Fundação José Augusto, 1997.

_____. *Avant-Propos*, censura Imperial e a Revolta Praieira. In: FLORESTA, Nísia. *A lágrima de um Caeté*. Natal: Fundação José Augusto, 1997.

_____. Apresentação. In: FLORESTA, Nísia. *Cintilações de uma alma brasileira*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997. p. 12-29.

_____. Posfácio: nos primórdios do feminismo brasileiro. In: FLORESTA, Nísia. *Direito das mulheres e injustiça dos homens*. São Paulo, Cortez: 1989a.

_____. *Nísia Floresta*. Recife: Editora Massangana, 2010.

DULONG, Claude. Da conversação à criação. In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlete. [Dir.] *História das mulheres no Ocidente: Do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991.

HARTMANN, Ivan. *Aspetos da Guerra dos Farrapos*. Novo Hamburgo: Feevale, 2002.

FLORESTA, Nísia. *Direito das mulheres e injustiça dos homens*. São Paulo: Editora Cortez, 1989a.

_____. *Opúsculo humanitário*. São Paulo: Editora Cortez, 1989b.

_____. *Cintilações de uma alma brasileira*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.

_____. Um improviso – na manhã do 1º corrente, ao distinto literato e grande poeta, Antonio Feliciano de Castilho. In: DUARTE, Constância Lima (Org.). *Inéditos e dispersos de Nísia Floresta*. Natal: EDUFRN, 2009a, p. 15-16.

_____. Páginas de uma vida obscura. In: DUARTE, Constância Lima (Org.). *Inéditos e dispersos de Nísia Floresta*. Natal: EDUFRN, 2009b, p. 45-83.

_____. Passeio ao Aqueduto da Carioca. In: DUARTE, Constância Lima. *Inéditos e dispersos de Nísia Floresta*. Natal: EDUFRN, 2009c, p. 33-44.

_____. O pranto filial. In: DUARTE, Constância Lima (Org.). *Inéditos e dispersos de Nísia Floresta*. Natal: EDUFRN, 2009d p. 85-92.

_____. *Itinerário de uma viagem à Alemanha*. Natal: Editora Universitária, 1982.

_____. *Fragmentos de uma obra inédita: notas biográficas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relatos de uma experiência. *Cadernos Pagu*, 1995, p. 9-21.

ROSA, Graziela Rinaldi da. *Transgressão e moralidade na formação de uma 'matrona esclarecida': contradições na filosofia de educação nisiana*. 2012. Tese. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

SAMARA, Eni de Mesquita. *As mulheres, o poder e a família: São Paulo, século XIX*. São Paulo: Editora Marco Zero, 1989.

SILVA, Jaqueline Padovani da. De esposa a viúva, de viúva a esposa. In: SILVA, Jaqueline Padovani da. *"Destá para a melhor": a presença das viúvas machadianas no Jornal das Famílias*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, p. 115-297.

SOIHET, Rachel. A história das mulheres: cultura e poder das mulheres; ensaio de historiografia. *Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero*, Niterói, v. 2, n. 1, p. 7-30, 2. sem. 2001.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 401-442.

WOLLSTONECRAF, Mary. *Reivindicação dos direitos das mulheres: o primeiro grito feminista*. São Paulo: EDIPRO, 2015.

Jornais

AUTORA DE um não... *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 25 maio 1885.

HISTÓRIA moral... *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 5 abr. 1849.

HISTÓRIA oferecida... *Periódico dos Pobres*, Rio de Janeiro, 22 maio 1850.

NORONHA, Joana Paula Manso de. Sentimos vivo... *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 22 fev.de 1852, p. 63.

NORONHA, Joana Paula Manso de. Emancipação moral da mulher. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 24 out. 1852, p. 130-132.

PESSOAS despachadas no dia 29 de outubro. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVIII, n. 2840, 30 out. 1849, p. 2.

UM ESCRITO brasileiro. *O Liberal*, Rio de Janeiro, n. 310, v. VI, 7 jul. 1853, p. 2.

Artigo recebido em 31/03/2019, aprovado em 15/05/2019.